

Resenha

THEVENOT, L. (2006). *L'Action au pluriel. Sociologie des régimes d'engagement*. Paris: Éditions La Découverte.

JOSÉ RESENDE
DAVID BEIRANTE

SOBRE UMA VIAGEM

Capaz de libertar o leitor das ataduras mais arraigadas em outras abordagens sociológicas, ou filosóficas, essencialmente alicerçadas no construtivismo ou no estruturalismo, *L'action au pluriel* é uma intrigante e estimulante obra de Laurent Thévenot que convida, mais do que a uma leitura, a embarcar numa viagem. Tomado o meio de transporte, não tem o leitor que se apoquentar com a “intensa circulação rodoviária, ferroviária ou aérea” (THÉVENOT, 2006, p.23), como convenientemente refere o autor. Em boa verdade, tampouco se trata de uma viagem *stricto sensu*, mas de outros tipos de deslocamento, efetuados incansavelmente através dos diversos modos como a pessoa tem

de se envolver com o mundo. Por meio deste cenário provável, o leitor-viajante não fica constrangido à imobilidade, pois é levado a percorrer diversas paisagens e a experimentar várias formas de se envolver consigo próprio e com os outros. Uma vez aceito o desafio, adverte-se a quem decida tornar-se leitor que a *Ação no plural* se estende para lá de um livro de sociologia. É uma porta que se abre a um conjunto de possibilidades de investigação, estabelecendo um aporte significativo para a renovação das próprias ciências sociais (GROSSETTI, 2011).

O itinerário, traçado em nove capítulos, remete para uma constante ida e volta às categorias usadas para entender a ação, as formas plurais que determinam as condutas dos atores envolvidos com o ambiente e com os outros que nele povoam e circulam, o conceito de coordenação, e, em suma, traz para a reflexão a forma complexa do envolvimento do ser humano com os mundos, consigo mesmo ou com o outro humano e com os objetos que lhes vão sendo familiares. Os domínios sociológicos abordados nos diferentes capítulos do livro estão presentes num quadro de análise transversal que percorre desde as políticas públicas, até a economia das organizações e do trabalho, o direito e as formas de regulação, os protestos, a participação na política pública e os cenários de proximidade e familiares.

A sociologia dos regimes de envolvimento, subtítulo desta obra, compreende as capacidades num sentido alargado, concebidas como poderes de coordenação da pessoa consigo mesma e produzidas sobre uma disposição apropriada do mundo ao seu redor, aberta à coordenação com os outros (THÉVENOT, 2006).

ASSUMIR SOCIOLOGICAMENTE O PLURALISMO NA AÇÃO

L'action au pluriel é um obra de filiação pragmática, definida especificamente em torno do pluralismo (GENARD, 2011). O que aqui subjaz, sem dúvida, é uma forte ligação entre pluralismo e pragmatismo. Pensamento e ação não estão dissociados por princípio, assumindo o autor a mesma concepção inscrita nos trabalhos inaugurais dos pragmatistas americanos, William James, John Dewey ou Charles Peirce. Assim, ao invés de adotar uma postura de interioridade em relação à ação, Laurent Thévenot “segue as formas plurais de fazer dos atores” (THÉVENOT, 2015), máxima do pragmatismo que implica levar a sério o que os atores fazem em função das suas atividades críticas (CEFAÏ, 2009), dos seus confrontos com as suas crenças, com tudo aquilo que lhes é familiar ou com tudo aquilo que os surpreende no seu dia a dia.

Com efeito, já na análise conduzida anteriormente com Luc Boltanski sobre as ordens de grandeza conflitantes (BOLTANSKI E THÉVENOT, 1991), onde os autores descrevem e analisam as formas empregadas pelas pessoas a fim de legitimarem as suas críticas e justificações em público (e que por sua vez devem satisfazer uma generalização ampla— *montée en généralité*), os autores seguem a batuta da pragmática sociológica. Em *De la justification. Les économies de la grandeur* (BOLTANSKI E THÉVENOT, 1991), recuperam as atividades críticas sobre os sentimentos de injustiça e os modos que as pessoas usam para se justificarem em situações de conflito, mediante um horizonte amplo de juízo em público. Para tal, fazem uma compilação de cenas empíricas quotidianas, das críticas e das justificações dos atores, sistematizando-as depois com base em algumas obras de filosofia política e moral e através de tipificações vinculativas com outras modalidades de sistematização mais banais e muito menos eruditas que servem como guias de ação e que dão origem às *cités*¹.

Neste sentido, abre-se a possibilidade de que múltiplas gramáticas de justificação e de ordens de valores conflitantes que governam a crítica e as práticas justificativas possam ser desdobradas em reivindicações coletivas (CEFAÏ, 2009). Mas este trabalho sobre justificações e críticas deixa algumas questões em aberto. Por um lado, os atores envolvidos em disputas mobilizam outras gramáticas justificativas que não estão forçosamente alicerçadas nos mundos da justiça e do justo, e aquelas que usam para aquele efeito apresentam uma dada historicidade num tempo que percola de forma sinuosa (SERRES, 1996), (RESENDE, 2003); e por outro, nos conflitos, nas contendas, nas tensões, o caráter de litigância não pode prolongar-se indefinidamente e deixar a pessoa submetida todo o tempo à justificação. Posto isto, a pessoa encontra outros modos de se envolver com o mundo (*engagement au monde*) e (re)conhece outras abordagens na procura de um certo bem ou valorização. Estas questões levaram Laurent Thévenot a expandir a sociologia das ordens de grandeza para uma “sociologia dos envolvimentos”. Trata-se, enfim, de ampliar a investigação sociológica a abordagens e concepções que podem recuperar a grande

¹ Cada uma da *cités* permite ordenar as pessoas em torno de um bem comum, sendo que a grandeza das pessoas deve ser medida por um princípio superior comum, por modalidade de equivalência e por “provas” (BOLTANSKI, THÉVENOT, 1991). Estes dois autores distinguem então seis modelos que permitem medir a grandezagrande e pequena das pessoas em uma comunidade que é comum a todas e respeitando como legítima a hierarquia da ordem de grandeza ali estabelecida: a *cité* inspirada, na qual a grandeza das pessoas é definida pelo acesso a um estado de graça; a *cité* doméstica, onde a grandeza resulta da posição da pessoa numa cadeia hierárquica de dependências pessoais; a *cité* da opinião, na qual a grandeza depende da estima dos outros; a *cité* cívica, na qual a grandeza resulta da renúncia do “particular” face à grandeza do interesse geral e da solidariedade coletiva; a *cité* mercantil, a qual é fundada na repartição de um bem através dos princípios de mercado e da concorrência; a *cité* industrial, na qual a grandeza é medida em função da prova de eficácia.

variedade de formas de fazer e de se ligar a mundos plurais, dos modos de atuar e de se conectar com os outros, das suas formas de discordar, de chegar ao acordo, de criticar, de contestar ou simplesmente de contemplar aquilo que o rodeia (THÉVENOT, 2011).

A vertente dinâmica e pluralizada dos regimes de envolvimento (*regimes d'engagement*) com o mundo e no mundo conduz a uma análise sociológica vinculada à extrema discrepância de escalas — no ir e vir do altamente globalizado ao fortemente localizado, de estreitos vínculos familiares ao meio, a abstratas e generalizadas causas. O autor considera inclusivamente os vínculos mais familiares com o meio ambiente ordinário, habitual (THÉVENOT, 2014) que nutre o sentido de pertença ao meio próximo (longe da escala das preocupações universais). Quer isto dizer que incumbe numa análise sociológica cada vez mais atenta às maneiras de fazer no mundo próximo, levando em conta o trabalho que os atores realizam na passagem do íntimo ao mundo das exposições públicas ou ao invés, da exposição pública aos domínios mais particulares e singulares (THÉVENOT, 2006, 2014).

Por fim, assumir sociologicamente o pluralismo é também assumir um pluralismo da crítica fundamentada, dirigido a uma melhor compreensão acerca da pluralidade das justificações e argumentações que possam explicitar os dispositivos discursivos, mas actantes, dos atores, bem como uma série de repertórios que coordenam as suas ações em distintos contextos políticos, morais e simbólicos nas diferentes concepções de um mundo justo nas sociedades modernas. Mas é também assumir o pluralismo em relação aos regimes de envolvimento, ancorado às formas plurais que a pessoa usa para se envolver no mundo consoante situações concretas, oscilando entre um envolvimento mais próximo, familiar, um envolvimento fundado num plano e um envolvimento de justificação pública.

EXPLORANDO CAMINHOS, ENVOLVER-SE E SER ENVOLVIDO

Alertamos agora o leitor-viajante para os usos semânticos do termo “envolvimento” presente nesta obra. Na verdade, este envolvimento constitui um poder. Porém, este tipo de poder distancia-se do “poder como dominação”, explicitamente patente nos primeiros trabalhos de Pierre Bourdieu. O poder, como consta no livro *L'action au Pluriel*, não é substantivado, significando tão somente a “capacidade de coordenação” ou, de outro modo, a “capacidade de coordenação” da pessoa consigo mesma, ou de uma implicação numa causa comum, ou ainda em uma obrigação de cumprimento de uma promessa contratada para com os outros. Perante a capacidade pessoal para acomodar-se

aos diferentes regimes de envolvimento, a ação no plural evidencia exigências de ligações, desligações e religações em quadros com formatos plurais que a modernidade torna sensíveis, estejam estas presentes na esfera do trabalho, da família, entre amigos ou da comunidade política, entre outros cenários possíveis, incluindo as inquietudes e perplexidades do ator consigo próprio.

É certo que a sociologia dos envolvimento tem uma ligação inteligível com as concepções anteriormente desenvolvidas sobre as *cités*, para as quais Laurent Thévenot assume neste livro uma ambição de extensão. Por essa razão o autor considera o emaranhado de justificações, que oscilam entre argumentos retirados das gramáticas oriundas da distribuição justa dos estados de grandeza até aos argumentos mobilizados pelos regimes de envolvimento de ação em plano e de proximidade (THÉVENOT, 2006).

Assim, um regime de envolvimento familiar corresponde a um bem-estar íntimo, localizado, transmitido pelo apego a rotinas capacitantes ou a objetos familiares. Trata-se de uma acomodação da pessoa ao seu ambiente direto que se vai produzindo num jogo de mutualidades. Este regime é claramente diferente do regime de envolvimento do indivíduo num plano, neste caso orientado no sentido de garantir o cumprimento de um projeto que permita à pessoa projetar-se face a um futuro a partir de uma preparação funcional do mundo que a rodeia e em que habita (THÉVENOT, 2015), inclusive com objetos que lhes são ou não são familiares. Finalmente, o regime de envolvimento em justificação permite certificar as convenções relativas a bens comuns envolvendo várias ordens de grandeza e a promoção de diferentes entendimentos acerca do bem comum.

Há ainda um outro regime, dito exploratório, que Nicolas Auray ajudou a inscrever como um quarto regime de envolvimento, desta vez ligado à excitação pelo novo, objeto de intensa exploração pelo capitalismo contemporâneo que por vezes torna frágil a fronteira entre a produção e o consumo (THÉVENOT, 2006). Este envolvimento exploratório é de grande importância para a análise da atualidade, pois assenta na difusão do consumo através das técnicas de comunicação, tecnologia que nutre e incentiva a excitação, a inquietude exploratória e criativa de mundos ainda pouco conhecidos, mas suscetíveis de serem objeto de indagações, de curiosidade a examinar num ir e vir entre aquilo que se supõe sob o controle e aquilo que ainda não é suficientemente comum, habitual no seu dia a dia.

Como indica Laurent Thévenot (2006), a organização capitalista contemporânea torna difícil a arte de compor certos regimes de envolvimento — quer nas familiarizações pessoais, quer na manutenção do rumo do seu plano, quer ainda na excitação pela novidade

—, não só pelo crescente enfraquecimento das fronteiras entre o íntimo e o público, como também pelo estreitamento do tempo e do espaço ligados à superabundância de acontecimentos do mundo contemporâneo (AUGÉ, 1992).

ENVOLVENDO O LEITOR NUM REGIME DE FAMILIARIDADE

Pode o leitor pensar que o vínculo de familiaridade de uma pessoa com outra, com maior ou menor grau de intimidade, com o seu meio ambiente tal como é estabelecido em sua casa, no seu trabalho, nas tertúlias com os amigos, se dá por garantido. Não pode estar mais errado. Na verdade, estes vínculos de proximidade exigem que a pessoa percorra todo um caminho de intimidade face ao familiar, ou seja, exige um trabalho de intensificação afetiva ao longo do tempo que leva à edificação e preservação dos laços.

O regime familiar, ou de proximidade, constitui uma das contribuições mais valiosas do trabalho de Laurent Thévenot, embora, claro, a ideia deste regime só tenha significado e relevo considerando a sua tensão (ou possível articulação) com os outros regimes de envolvimento. Tomemos como exemplo ilustrativo o espaço de trabalho, que parece *a priori* dominado pela ação em plano, mas que pode também abrir caminho a outro tipo de envolvimento, quer sejam de familiaridade ou de justificação pública (THEVENOT, 2006). Até em nossa casa, onde o envolvimento familiar aparece como o mais óbvio, não fechamos a porta a outros tipos de envolvimento — por exemplo, num regime exploratório gerado pelo fascínio que nos trazem as redes sociais ou por qualquer outras modalidades de *composição* de regimes de envolvimento.

Não obstante a importância dada por Thévenot à dimensão dos envolvimento em proximidade, este tem sido um domínio algo esquecido pela tradição sociológica. Mas um programa de coletivo sobre "*as políticas do próximo*" teve e tem o papel de tornar sensível o aumento do poder da autonomia individual justamente pela composição de regimes de proximidade com regimes de envolvimento em plano, que temos vindo a assistir tanto nas políticas sociais, como nas políticas de saúde e da educação ou ainda nas contrapolíticas desenvolvidas pelos usos da Internet (THEVENOT, 2011). Dificilmente este fato passará despercebido ao leitor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOLTANSKI L. E THÉVENOT (1991). *De la Justification. Les économies de la grandeur*. Paris: Éditions Gallimard.
- BREVIGLIERI, M. e STAVO-DEBAUGE, J. (1999). Le geste pragmatique de la sociologie française: autour des travaux de Luc Boltanski et Laurent Thévenot. *Antropolítica*, Niteroi, n. 7, p. 7-22
- CEFAÏ, D. (2009). Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4
- GENARD, J.-L. (2011). Investiguer le pluralisme de l'agir, *SociologieS* [En ligne], Grands résumés, L'Action au pluriel. Sociologie des régimes d'engagement, <http://sociologies.revues.org/3574>
- GROSSETTI, M. (2011). Les ressources de l'activité sociale, *SociologieS* [En ligne], Grands résumés, L'Action au pluriel. Sociologie des régimes d'engagement <http://sociologies.revues.org/3575>
- LÓPEZ, L. (2015). Conflictos ordinarios, principios communes y pluralidad de compromisos. Conversaciones con Laurent Thévenot sobre su obra. Buenos Aires: Papeles de Trabajo, 9, 15 pp.
- RESENDE, J. M. (2003). *O Engrandecimento de uma Profissão: Os Professores do Ensino Secundário Público no Estado Novo*. Lisboa: FCT e Fundação Calouste Gulbenkian.
- SERRES, M. (1996) *Diálogo sobre a ciência, a cultura e o tempo: Conversas com Bruno Latour*, Lisboa : Instituto Piaget
- THEVENOT, L. (2006). *L'Action au pluriel. Sociologie des régimes d'engagement*. Paris: Éditions La Découverte.
- THEVENOT, L. (2006). Grand résumé de L'Action au pluriel. Sociologie des régimes d'engagement, *SociologieS* [En ligne], <http://sociologies.revues.org/3572>
- THÉVENOT, L. (2014). Voicing concern and difference: from public spaces to common-places, *European Journal of Cultural and Political Sociology*, 1:1, 7-34 <http://dx.doi.org/10.1080/23254823.2014.905749>

José Resende

Sociólogo, professor associado com agregação da Universidade Nova de Lisboa (UNL), membro integrado no Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS-NOVA), membro colaborador do Observatório Permanente da Juventude do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da UL e membro integrante do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Uenf.

David Beirante

Doutorando em Sociologia da Educação e da Cultura; investigador do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (CICS.NOVA.FCSH/UNL)